

# Safra de grãos não vai ultrapassar 110 milhões de t

O governo ajuda muito quando não atrapalha. Esta frase já virou bordão para o economista João de Almeida Sampaio Filho, presidente da Sociedade Rural Brasileira. Para Sampaio Filho, além da queda dos preços internacionais dos grãos, da seca no Rio Grande do Sul e da taxa de câmbio, também a crise política prejudicou o agronegócio em 2005.

"A crise paralisou um governo que já estava lento", diz ele.

A SRB aposta em uma colheita de grãos inferior a 110 milhões de toneladas na temporada 2005/2006, contra os 122/125 milhões de toneladas previstos pela Conab. "O produtor reduziu a tecnologia e a área plantada caiu. Ou seja, haverá queda na produtividade das lavouras", diz Sampaio Filho.

**Agroanalysis - Quais são as perspectivas do agronegócio para este ano?**

**João de Almeida Sampaio Filho** - Vai ser um ano de baixa rentabilidade para os produtores rurais, principalmente na área de grãos. Novamente, estamos observando uma seca acentuada no Rio Grande do Sul e no Oeste do Paraná. A ferrugem também deverá provocar perdas em Mato Grosso e na Bahia. E o real,



**"O clima não parece muito favorável e, para piorar, a ferrugem asiática voltou a atacar as plantações de soja"**

valorizado frente ao dólar, atrapalha ainda mais os produtores de grãos. Soja, algodão, milho e trigo, todos eles vão ter baixa rentabilidade. No caso do milho, o Brasil está amadurecendo. Já percebemos a importância de se produzir o milho como fonte energética - transformá-lo em frango e em suíno. A produtividade não deverá ser alta este ano, devido à redução dos investimentos nas lavouras.

**Agroanalysis - Ao contrário do governo, que trabalha com uma previsão de safra próxima de 125 milhões de toneladas, a Sociedade Rural Brasileira tem uma estimativa de colheita bem menor?**

**João Sampaio** - A nossa previsão é de 100 milhões de toneladas. A safra não vai ultrapassar 110 milhões de toneladas, ou seja, uma colheita inferior à do ano passado, que rendeu entre 110 e 115 milhões de toneladas. Veja que, no início de 2005, se falava em 120 milhões de toneladas. Este ano, o clima não parece muito favorável e, para piorar ainda mais a situação, a ferrugem asiática voltou a atacar as plantações de soja na região Centro-Oeste do País. Não acredito, porém, que a quebra na safra deva causar problemas de abastecimento, mas poderá haver uma redução do saldo da balança comercial.

**Agroanalysis - A situação deste ano para o produtor de grãos é um pouco melhor do que a do**

**ano passado. Com o real valorizado, os preços de alguns insumos, como fertilizantes e agrotóxicos, que levam matérias-primas importadas em sua fa-**

**bricação, ficaram mais baixos?**

**João Sampaio** - É verdade, ele teve este 'refresco'. Os custos de produção, em alguns casos, caíram. Mas se em 2005 o produtor teve prejuízo, este ano ele vai conseguir algum lucro, mas não uma rentabilidade adequada.

**Agroanalysis - A agricultura brasileira alterna fases de vacas magras com fases de vacas gordas. Como fazer para que o produtor rural possa ter mais estabilidade em seus negócios. Estas oscilações não poderiam ser evitadas ou, pelo menos, amenizadas com o uso de instrumentos de política agrícola?**

**João Sampaio** - Isto poderia e deveria ser evitado, mas o governo normalmente é lento. Nem sempre as prioridades do governo são claras e objetivas. Considere o caso deste governo. Há uma dicotomia, uma divisão dos programas entre agricultura familiar e patronal. Isto, além de ineficiente, prejudica a agricultura. O governo muito ajuda quando não

atrapalha. Eu vivo repetindo esta frase, e o pessoal da Rural diz que virou um bordão. Mas é verdade. Se o governo não atrapalhar, já vai ser ótimo.

O seguro rural,

por exemplo, é fundamental. O Roberto (Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura) fez de tudo para viabilizá-lo, mas foi obrigado a redirecionar verbas de outros programas para conseguir dinheiro para o seguro rural. Isto demonstra que o seguro rural não é prioridade para a área econômica do governo. É, sim, prioridade para o ministro da Agricultura, que conhece bem os problemas do setor.

**Agroanalysis - Há produtos agrícolas que estão em alta, como o café. A laranja e a cana-de-açúcar também devem ter um bom ano?**

**João Sampaio** - O café alcançou seu melhor preço dos últimos sete meses. A cana, a borracha e o eucalipto também atravessam uma boa fase. As carnes, o frango e o suíno têm um potencial competitivo excepcional. O bovino mais ainda. Mas precisamos dar mais atenção à defesa sanitária. A iniciativa privada tem que intervir na defesa sanitária, porque a gestão dos governos é deficiente. Precisamos modernizar a defesa sanitária, não apenas no que diz respeito ao controle e à erradicação da febre aftosa, como também em todas as outras doenças que afetam os rebanhos e prejudicam a imagem das carnes brasileiras lá fora. Precisamos transformar os nossos vizinhos em parceiros na área sanitária. Somos os maio-

**"Há uma dicotomia entre os programas da agricultura familiar e da empresarial. Isto, além de ser ineficiente, prejudica a agricultura"**

## "A cadeia da carne bovina precisa ter mais transparência. Precisamos definir quanto cabe a cada elo"



Precisamos apurar as denúncias da imprensa sobre cartel. A cadeia da carne precisa ter mais transparência. Precisamos definir quanto cabe a cada elo dentro dessa cadeia. Os frigoríficos precisam se transformar em empresas globais.

res exportadores de carne bovina do mundo, mas ainda não temos o melhor produto. A Austrália exporta um volume bem menor de carne e fatura muito mais do que o Brasil. Ela participa de mercados que pagam mais, enquanto o Brasil não tem acesso a esses mercados por causa da febre aftosa.

**Agroanalysis - Quase 90% do rebanho brasileiro têm sangue zebuino, principalmente do Nelore. A carne desta raça, embora menos macia do que a dos bovinos de origem européia, tem a vantagem de ser mais magra. Ou seja, o Brasil produz uma carne *light*, proveniente de gado criado a pasto e, portanto, de uma forma mais natural. Não poderíamos explorar mais essas vantagens?**

**João Sampaio** - O Brasil não sabe fazer propaganda de seus produtos agropecuários. Você não vê, por exemplo, propaganda de carne na TV. Os frigoríficos não defendem o seu próprio produto. Pior ainda: os frigoríficos não são empresas confiáveis.

Falta ética e transparência. O principal mercado dos frigoríficos é o Brasil. Mas eles têm uma imagem horrível, ligada à sonegação. Eles deviam se mirar no exemplo do Pratini de Moraes, presidente da Abiec, que está fazendo um trabalho brilhante, promovendo a carne brasileira no exterior.

**Agroanalysis - Quais são as perspectivas da agricultura energética?**

**João Sampaio** - As perspectivas são as mais promissoras, principalmente para o álcool e para a geração de energia a partir do bagaço. O setor sucroalcooleiro passou por uma crise nos anos 90, mas conseguiu modernizar a sua gestão. É uma área em que o Brasil tem alta competitividade, mas não podemos ficar parados. Os EUA já estão produzindo mais álcool do que o Brasil. O mundo inteiro está preocupado em utilizar a energia renovável. No caso do biodiesel, o governo precisa resolver essa dicotomia entre agricultura familiar e empresarial. Para beneficiar os pequenos produtores, o governo está privilegiando a mamona e

deixando de lado o grande potencial da soja para a produção de biodiesel. Ou seja, trata de uma forma totalmente ideológica uma questão que é principalmente técnica. Mas o principal problema do biodiesel é tributário. Aliás, a questão tributária é o grande problema do País. Impostos como o CIDE e o ICMS ultrapassam o valor do álcool. O que está caro no Brasil são os tributos.

**Agroanalysis - A crise política está atrapalhando o agro-negócio?**

**João Sampaio** - No auge do "tratoração", no início da atual crise política, as lideranças rurais tiveram uma audiência com o presidente Lula. Na época, ele nos disse que não estava preocupado com a crise e nos fez uma série de promessas. A crise, na verdade, paralisou um governo que já era lento. No caso da volta da febre aftosa em Mato Grosso do Sul, as verbas demoraram a sair.

**Agroanalysis - O senhor esteve em Hong Kong em dezembro último, durante o encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC). Como avalia os resultados desse encontro?**

**João Sampaio** - Os resultados foram ruins para o Brasil. O ministro Celso Amorim, que foi muito bem durante a reunião de Cancun dois anos atrás, não obteve o mesmo sucesso em Hong Kong. O Brasil chegou lá com uma posição definida com relação aos subsídios à exportação, mas perdeu a oportunidade de discutir outros temas, como o acesso a mercados. Ficamos concentrados em discutir um assunto sobre o qual já tínhamos vencido. ■